

MEMÓRIA, SENSIBILIDADE E CIDADE: UMA ABORDAGEM SOBRE O CARNAVAL, UMA FESTA POPULAR (SÃO LUÍS, MA)

Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva
UEMA-PGHEN
monteiromercon@gmail.com

Recebido em: 01/08/2016

Aprovado em: 08/11/2016

Resumo:

Este artigo trata do conceito de memória e sensibilidade em autores como Derrida, Rousso, Halbwachs, Le Goff, Albuquerque Júnior, entre outros, e sua relação com as cidades (Barthes, Barros). Salientamos na nossa sociedade a importância do lembrar em contraposição ao esquecimento. O objeto de estudo é São Luís, capital do Maranhão e as suas representações de uma manifestação popular, o carnaval, no período de 1950-1970. Discutem-se as memórias dos expoentes e participantes dessa festa, levando-se em consideração as lembranças desses “bambas” na terra do poeta maranhense Gonçalves Dias.

Palavras-chave: Memória; Cidade, Carnaval; História

Abstract:

This paper deals with the concept of memory and sensibility in authors such as Derrida, Rousso, Halbwachs, Le Goff, Albuquerque Júnior, among others, and its relationship with the cities. We emphasize that in our society it is important to remembering in opposition to forgetting. The object of study is São Luís, capital of Maranhão and its representations of a popular manifestation, the carnival, in the period of 1950-1970. The memories of the exponents and participants of this celebration are discussed, taking into account the memories of these "bambas" in the land of the poet of Maranhão Gonçalves Dias.

Keywords: Memory, City, Carnival; History.

INTRODUÇÃO

Nada mais importante do que o ato de contar a vida. O conto, a narrativa e a representação do passado só podem ser feitos a partir do lembrar, ato mnemônico que pode ser elaborado dentro da possibilidade do sensível. Assim, o visto, o sensível e apreciado são condições indispensáveis para a prospecção da memória.

A condição do lembrar é assunto corrente dentro das ciências humanas, o que vem suscitando uma série de debates sobre os espaços de memória, o lugar de memória, memória coletiva, individual, memória ressentida e até mesmo contra-memória. Poderíamos saber que nos esquecemos de algo se esse algo está esquecido? Será que podemos reconhecer o que se coloca fora da experiência sensível?

O objetivo deste trabalho não é mostrar os limites das abordagens teóricas que disputam a primazia ao se debruçarem acerca da memória – mesmo porque a nossa operacionalização do saber mnemônico é atravessada pela noção do sensível. Apesar disso, os outros olhares sobre o estudo da memória jamais poderão ser descartados no decorrer do trabalho, uma vez que esses servirão de substrato para o enriquecimento da pesquisa.

Memória e sensibilidade são condições inseparáveis do viver. Não conseguimos estabelecer uma noção de memória fora do sensível, fora do mundo exterior. A sensibilidade do homem e os reflexos desta no mundo terreno são condições essenciais para não nos tornarmos vítimas de uma amnésia coletiva, uma vez que nos tempos da condição pós-moderna, o passado parece esgotar-se no seu próprio passar. Tudo é efêmero, tudo está destinado ao esquecimento, mesmo que esqueçamos que estamos esquecendo.

A prepotência do presente encontra na memória uma reação contra o fugaz, contra o tornar-se nada, pois se tudo passa permanentemente, tornamo-nos um nada. Dessa forma, nada fica e nada somos. A memória seria, portanto, o resguardo de um tempo que vive em constante evaporação, seria a possível reação contra a perda irreversível da nossa identidade. Assim, o ato de lembrar e a sedução das lembranças tornam-se a resistência ao expurgo da nossa vivência que é constantemente jogado fora no esquecimento. Desse modo a memória “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode

atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1994, p. 423).

Diante desta conjuntura, a memória tornou-se uma arma eficaz na luta contra a imposição do imediatismo, contra o vazio temporal imposto pelo apagamento do vivido, é a forma eficaz de manter vivas as lembranças, acendendo as luzes do passado, mesmo que este acender seja feito com um mero ato de apertar um botão no presente. Assim, nossas lembranças em relação às festas carnavalescas não podem ser trocadas como fantasias que são vestidas e logo descartadas – se isso acontecer, o folião entrará em outro bloco. As lembranças devem ser evocação de vida, ou mesmo convocação da vida, pois o ato de contar é experimentar lembranças e celebrar, até mesmo na dor, aquilo que foi lembrado. Celebram-se, portanto, as lembranças do carnaval do passado enquanto se brincam o carnaval presente, que um dia também será a lembrança do passado.

As flores que foram jogadas no tempo resolvem desabrochar no fruto do pensamento, como nos diz a letra do samba da Escola Turma do Quinto – escola de samba consagrada de São Luís, Maranhão. Esse desabrochar do ato de pensar legitima o nosso existir. O ato de lembrar é uma das maneiras de sermos: lembramos e logo existimos, sentimos o palpável. Por isso é que, mesmo sendo o retorno dentro de uma concepção nietzschiana, o pior dos fardos a ser carregado, não compartilhamos com a assertiva de que o homem pode ser feliz sem a lembrança.

A lembrança é condição inefável do existir, pode ser um produto da elaboração da tristeza, mas, assim como a vida pode ser impossível sem o esquecimento, o é também sem o ato de lembrar. Mesmo que esse ato de lembrar, na percepção de Derrida (1994), possa ser comparado à dor daquele que vela um corpo que não mais existe. O que não pode ser compartilhado pelo olhar de Ricoeur (2007) uma vez que para este, não há outro acesso melhor ao passado do que através da memória.

Compartilhando com a premissa de Rousso (2007, p. 97) quando afirma que “a questão ritual das diferenças entre história e memória parece estar ultrapassada”, concebemos que a criação dos lugares de memórias é elaborada a partir do momento em que as lembranças coletivas já não são partilhadas, quando os rituais sociais e os ritmos foram violados. Ressalta-se que para Albuquerque Júnior (2007, p. 199) somos manipuladores de memória “sejam escritas ou orais, as memórias individuais ou coletivas têm se transformado numa das fontes cada vez de maior importância para o trabalho de

gestação da História”. Por isso, para Le Goff (1994) a memória é um dos principais meios para abordarmos o problema do tempo e da História.

Temos, assim, a operacionalização da memória do passado, cuja falha pode ser o esquecimento de dados, o substrato utilizado para a feitura deste trabalho. Como a memória, para Albuquerque Júnior (2007), é um ser múltiplo, corroboramos o referido autor quando este leva em consideração os diferentes níveis que compõem a “memória individual”. Desse modo, o nosso maior problema foi levar em consideração a empiria da memória involuntária. Em outras palavras, a princípio tivemos a preocupação de tentar diagnosticar a ação da memória involuntária, pois o processo de ativação da memória involuntária é dado no campo da sensibilidade.

E, sabendo que esses signos sensíveis ultrapassam os limites da temporalidade, salientamos as ideias de Albuquerque Júnior (2006, p. 201): “a memória involuntária, que chamaremos de reminiscência, é um nível em que a ‘memória individual’ é violentada por choques provenientes de signos sensíveis”. Portanto, foi violando memórias de bambas da cidade de São Luís que visamos a compreender suas práticas carnavalescas no período entre 1950-1980, pois, precisamos “explicar as lacunas, os silêncios da história e fundamentá-la tanto nesses seus vazios como na densidade daquilo que sobreviveu” (LE GOFF, 1994, p. 118)

2 MEMÓRIAS DA CIDADE LUDOVICENSE

“Foi no século passado, que a Praia Grande apareceu, oba ba, entre secos e molhados a varejo e atacado”. Essa letra do samba da Escola de Samba Turma do Quinto – escola de samba de São Luís, Maranhão – nos serve de substrato para a narração de histórias sobre a cidade de São Luís, que florescendo no cais da Praia Grande, sob as luzes das lamparinas, com a presença de caixeiros, peixeiros e sambistas, montam e remontam uma cidade que já nasce ao som das batidas dos tambores dos pretos que vieram para a casa das minas.

São Luís, assim, torna-se o espaço, no tempo de 1950 a 1980, que é utilizado para a violação das memórias dos bambas que praticaram a cidade durante esse período. O discurso sobre a cidade reflete uma série de elaborações acerca da mesma; assim é que

Barros (2007), na sua obra *Cidade e História*, faz uma análise sobre a cidade a partir de vários enfoques. Podemos observar a cidade desde um olhar panóptico (CERTEAU, 2002), até a perspectiva multifatorial. Nesse sentido, a cidade nos fala das suas paisagens, da vida material e da vida mental dos seus partícipes, pois ela nos descreve a arquitetura através das suas ruas, seus becos e suas praças. O vaivém das pessoas identificadas com suas marcas pessoais, os passos dos homens e mulheres, meninos e meninas de forma sincrônica nos descrevem de diversas formas a história da cidade. Tem-se a história das memórias vividas no tangível e no intangível de um local.

A enunciação do pedestre, dentro de uma perspectiva certeuriana, pode ser vista como uma língua, que descreve o vaivém dos caminhantes demonstrando as possibilidades e os embargos que nessa mesma cidade aparecem. Portanto, as caminhadas pela cidade, mesmo que dentro da festa carnavalesca, são atravessadas por toda uma elaboração cultural egocêntrica, cujo casario, praças e becos – estes, típicos da nossa cidade – apresentam-se com um discurso polifônico partilhado por seus andantes. Isto nos é apropriado, em consonância com os cronistas que descrevem a cidade de São Luís como se fosse a Cidade dos Azulejos, em função do seu acervo arquitetônico do centro histórico. Esse mesmo discurso nos afirma que São Luís foi Atenas brasileira, em função dos seus poetas que tiveram grande destaque no cenário nacional.

Barthes (2001, p. 224) afirma que: “A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.”. É através deste olhar que se resgata a memória de um povo, a memória de um história vivida.

Gonçalves Dias (1823-1864), poeta maranhense, afirma na sua *Canção do Exílio*, que “nossas vidas têm mais amores” e a cantora Alcione na contemporaneidade dialoga com aquele e canta, “modéstia parte seu moço, minha terra é uma belezinha”. Assim, a cidade é um discurso, ou melhor, vários discursos que são falados, versados e cantados pelos seus expoentes. Portanto, o que precisamos é “não apenas recuperar os traçados dos múltiplos percursos, como também identificar as diversas maneiras de caminhar; não apenas inventariar os lugares, como analisar as maneiras de se apropriar dos lugares” (BARROS, 2007, p. 45).

Corrêa (1993) afirma que entre os anos de 1930 a 1970 houve vários surtos de desenvolvimento cultural e econômico na cidade de São Luís, desenvolvimento este

muitas vezes elaborado a partir dos reflexos das políticas nacionais. Assim, dentro do espaço temporal da nossa pesquisa, podemos perceber algumas elaborações de caráter político, econômico e seus desdobramentos nas condições de viver e de sociabilidade na cidade de São Luís no período citado, uma vez que é na “memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. (LE GOFF, 1994, p.477)

Nesse sentido, a década de cinquenta do século passado é atravessada por um forte sentimento de urbanização por que passavam as cidades brasileiras. Esse processo no seu todo é reflexo de uma passagem de uma arquitetura horizontal, de caráter europeu para uma tendência mais verticalizada balizada pela cultura norte-americana.

No entanto, apesar da necessidade de higienização da cidade, higienização essa que já vem sendo feita desde a primeira República concomitantemente à urbanização, o que se observa na capital maranhense é o fato de que o seu acervo arquitetônico, em função de ter sido construído durante o século XVII e XVIII, período de grande efervescência econômica em São Luís ainda conservava aquelas características europeias. Porém, não faltaram esforços no que diz respeito à melhoria das condições das ruas praças e avenidas de São Luís. Essa necessidade de melhoria torna-se mais intensa quando, a partir da década de 1950, o Brasil começa a entrar para o rol das nações com uma industrialização de bens de consumos duráveis, reflexo da conjuntura econômica, uma vez que era um período ainda caracterizado pelo término da Segunda Guerra Mundial, o que em nosso Estado, segundo (TRIBUZZI, 1981, p.27) no Maranhão não surtiu muito efeito, pois:

cessado o conflito e a contingência favorável de preços internacionais, a economia reflui aos níveis medíocres até a década de 1950, enquanto vai-se acentuando a decomposição do parque têxtil pela queda de qualidade algodoeira e, sobretudo, pela ineficiência tecnológica e econômica dos equipamentos que o empresariado mantivera obsoletos apesar da circunstância favorável das duas guerras, preferindo aplicar os vultosos lucros daquele período em inversões imobiliárias no Sul do País.

Assim, as ruas necessitavam de uma nova organização, até mesmo um alargamento e melhoria de sinalização, pois já eram observados na cidade os primeiros automóveis circulando. Tal fato propiciou, no seu início, um grave problema, pois aquela sociedade que estava acostumada com um ritmo mais lento, que não se preocupava em ter que andar nas calçadas, teve que começar a mudar os seus costumes ao andar nas ruas

e avenidas são-luisenses. Isso gerou um grande descontentamento por parte de alguns, pois, assim como os pedestres não estavam acostumados com o fluxo de veículos na cidade, alguns motoristas ainda não demonstravam muita habilidade ao conduzirem os mesmos.

Essa elaboração pode ser verificada no depoimento do cronista Celso Bastos quando afirma que a culpa não é tão somente dos motoristas, mas principalmente dos órgãos competentes que não têm competência para normatizar o trânsito que estava passando por grandes transformações. Assim:

Tem-se atacado muito os motoristas devido à irresponsabilidade de alguns. Mas a nosso ver a Inspetoria de Trânsito é que merece maiores destaques. Porque em matéria de controle do tráfego de regulamentação do trânsito, somos ainda uma das mais atrasadas cidades do mundo. (BASTOS, 1951, p.4)

A cidade dentro do seu aspecto físico ainda poderia ser considerada uma cidade apaixonante, na medida em que vários são os depoimentos e rememoração de pessoas que viveram em São Luís durante esse período. Para estes, a configuração da cidade era de lembrança do período em que, a partir das suas reconstituições, as estreitas ruas retornam os inúmeros casarões revestidos de azulejos, além das antigas ruas, das ladeiras e das calçadas de pedras de cantaria. Tudo isso faz parte do cenário de uma época em que homens e mulheres movimentaram-se no seu cotidiano, indo e vindo para o trabalho, a escola, os passeios pelas fontes, como o da Pedra e do Ribeirão – pontos turísticos relevantes de São Luís. Era comum, ao final do dia, os homens ficarem nas calçadas jogando dominó e baralho; as mulheres, também às calçadas, esperavam enquanto conversavam sobre as coisas do dia-a-dia a chegada da hora de dormir.

Essas lembranças do tempo em que a cidade era pacata são expressas pelos atores sociais que vivenciaram esse período e que se expressam a partir das modificações sentidas da sua existência. Esse é o caso de Carlos Lima, pesquisador e mais tarde, membro da Academia Maranhense de Letras que quando nos fala sobre a cidade e os antigos carnavais, percebemos o tom saudosista na sua elaboração:

A cidade era pequena [...] ia da Praia Grande às velhas quintas do Caminho Grande; do Cemitério do Gavião ao Largo dos Remédios. Cresceu, dispersou-se, tornou-se violenta, perigosa, tão diferente daquela que conheci quando se podia dormir de janelas abertas, no tempo do calor, e a porta da rua ficava encostada, esperando que o último noctívago viesse encerrá-la. (LIMA, 1996, p. 1)

Para os homens que participaram desse trabalho, a cidade também aparecia desenhada nas suas lembranças, no seu cotidiano, na sua estrutura física, como algo muito diferente dos tempos de hoje. O resgate desse cotidiano se dá através das conversas com ícones que vivenciaram esses fazeres. Assim, seu Paulo¹ destaca que:

Hoje em dia tá tudo mudado. Antigamente a gente saía pra jogar bola na areinha tinha que esperar a maré secar. Muitas vezes tínhamos que jogar no campo do matadouro mesmo por que quando a maré secava já estava de noite. Agora não, já tá tudo aterrado e os locais onde a gente saía pra vadiar já esta tudo diferente. A única coisa que não mudou aqui foi o cemitério, continua no mesmo local, mas o resto ta tudo mudado mesmo.

Outras pessoas, quando são indagadas sobre como era a vida na época da sua juventude, ressaltam que nesse período a vida na cidade era mais segura, as pessoas iam e vinham sem que nenhum mal lhes fosse feito, coisa que não acontece mais no tempo presente. Para Wladimir², outro ícone das lembranças da cidade de São Luís, a cidade era outra, os tempos eram outros:

Olha, no tempo do carnaval era muito bom, a gente saía dos clubes, ia para as ruas, brincava até de manhã e ninguém perturbava. Era muito bem mesmo, os blocos saíam de todas as partes do Lira, Codozinho, Vila Bessa, João Paulo, todos se encontravam aqui na Madre Deus, como é feito hoje, a diferença é que naquela época todo mundo se conhecia, hoje em dia não, a cidade cresceu muito ninguém sabe quem é quem.

Para esse senhor, a cidade também mudou. E, a partir de uma visão saudosista, não tem a mesma beleza de outrora quando os homens e mulheres saíam às ruas no período carnavalesco e podiam brincar sem nenhum problema, sabendo que no dia seguinte estava pronto para mais uma folia. Até então, São Luís era uma cidade calma e segura desperta os suspiros nostálgicos do passado que para a grande maioria é referido como um tempo melhor de ser vivido.

Certamente essas lembranças refletem a imagem do meio exterior e das relações de sociabilidade que esses homens mantiveram no seu tempo. Por isso, essas lembranças das ruas, becos e festas são os meios pelos quais conseguem se agarrar como ponto de

¹ Paulo Henrique Nogueira. Atualmente é presidente do bloco organizado Unidos de São Roque. Nasceu em 07 de março de 1939. Entrevista realizada em: 08 de novembro de 2007

² Wladimir de Oliveira Silva, atualmente é dono de uma gráfica, nasceu em 25 de fevereiro de 1920. É o expoente mais antigo do bloco mais antigo do carnaval se São Luís: Os Fuzileiros da Fuzarca que foi fundado em 1936. Entrevista realizada em: 13 de dezembro de 2007

apoio de uma tradição que os ampara. A partir dessas lembranças podemos perceber que a cidade de São Luís, aos olhos desses depoentes, ainda não se envolveu no processo de modernização pelo qual estavam passando algumas cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Claro que esses olhares são de pessoas simples que viveram principalmente nas proximidades do centro histórico e que, portanto, não tinham condições econômicas de vivenciar as primeiras manifestações do mundo moderno. Tais manifestações aqui se apresentavam na chamada cidade nova, quando foi construída a ponte José Sarney, mais conhecida como Ponte do São Francisco, no final dos anos 60 do século passado.

Assim, a cidade para essa gente expressa o espaço de lazer, onde após uma grande carga de trabalho buscavam algum divertimento para poderem se preparar para a labuta do dia seguinte. Essas manifestações de nostalgia encontram em Halbwachs (1990, p.39) um expoente de grande expressão quando afirma que:

aos habitantes para quem esses velhos muros, essas casas decrepitas, essas passagens escuras, ruas sem saída, faziam parte de um pequeno universo e cujas lembranças se ligam a essas imagens agora apagadas para sempre, sente que toda uma parte de si mesma está morta para essas coisas e lamentam que elas não tenham durado, pelo menos quanto tempo lhe resta para viver.

Para esses homens, os muros as casas, as praças eram espaços onde se encontravam com os amigos para uma boa conversa, momento em que poderiam discutir as questões econômicas políticas ou até mesmo ficar falando da vida alheia.

O fato é que no período de 1950 a 1970, a cidade apresenta um aspecto diferenciado dos tempos de hoje, quando mesmo com os ônibus empoeirados as distâncias apreciáveis entre um local e outro, as longas esperas por esse transporte coletivo a tranquilidade ainda era presente na cidade de São Luís. Essa percepção de tranquilidade é apresentada por um jornalista cearense quando este escreveu a crônica “A Vida em São Luís”, no jornal maranhense *O Imparcial*, de 04/02/1953:

*Há qualquer coisa nessa cidade que nos distancia daquele mal-estar coletivo, que não escapa ao observador da vida urbana em Fortaleza. Será ausência de filas para o ônibus?
O trabalho começa aqui uma hora depois da nossa. E, as noites se prolongam com gente passeando nas praças, gente sentada e conversando na sorveteria [...] A calçada do Hotel Central fica cheia de cadeiras e se toma o melhor sorvete do mundo de cupu ou bacuri...
Cidade que lê jornais, que conhece livros, que possui telas famosas, que fala bem e que tem um grupo de escritores e poetas dos mais interessados do Brasil.*

Claro que temos consciência de que as elaborações acerca do cotidiano na cidade de São Luís não são homogêneas, mesmo porque a cidade não se configura como um espaço homogêneo, haja vista que nela homens e mulheres não compartilham os mesmos ideais, interesses e experiências. A partir de uma perspectiva de que São Luís possui uma trajetória própria e singular esses relatos são os suportes para o fortalecimento de pertencimento de uma identidade a partir de uma memorização de um passado não tão distante.

A história dentro de uma perspectiva cultural consegue resgatar a importância dos sujeitos que se transformaram em cidadãos pelo ato de conhecer a si e ao outro. Côncios de suas diferenças e tomando como perspectiva a “hermenêutica do cotidiano” (DIAS, 1998, p. 3) podemos compreender as práticas visíveis e invisíveis construídas pelos homens e mulheres sujeitos da história, assim como os modos de vivências e valores que foram se readaptando a uma nova configuração de sociedade.

A narrativa desses expoentes do seu tempo, dos seus jogos de futebol, dos seus passeios e de sua forma de brincar o carnaval faz parte de uma memória coletiva e individual, cujas tramas do cotidiano são reelaboradas a partir de um olhar não oficial. Um olhar do homem simples que traz um discurso, não de tentativa de legitimar ou criticar uma situação social, mas de demonstrar que no seu tempo os espaços de sociabilidades eram mais prazerosos. Portanto, cabe ao historiador dar voz aos sujeitos anônimos, conhecer os atores que participaram da construção social do seu tempo. Dessa voz singular, resgatam-se as memórias tão relevantes para o fazer do historiador, uma vez que “ a memória coletiva é não somente uma conquista é um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 1994, p. 476)

3 MEMÓRIA E O CARNAVAL NA CIDADE LUDOVICENSE

“Carnaval é a festa maior, tem Colombina ô, tem dominó, e no jogo do baralho, quem se espanta é o fofão”. Assim são os primeiros versos do Samba da Escola de Samba Flor do Samba, do bairro do Desterro, em São Luís do Maranhão. Esse samba pode nos servir de substrato para demonstrar a diversidade do carnaval de São Luís, no período de 1950 a 1970, o carnaval da Colombina, do Pierrot, do baralho e do fofão, este último talvez a figura mais expressiva do folguedo momesco ludovicense.

A rua, era o espaço de sociabilidade onde acontecia a festa carnavalesca desse período, era o local onde “os cordões de urso, de fofões, de dominós, de diabos, de pierrôs, de arlequins, de baralhos, de macacos de sujos e muitos outros” (MARTINS, 2000, p. 81). No entanto, nesse período o carnaval não era brincado somente nas ruas da cidade. Os bailes de máscaras eram uma das grandes atrações da festa momesca e, quando perguntamos sobre esses bailes ao senhor Antonio³, este nos afirma que:

Rapaz, os bailes eram muitos, bigurrilho, berimbau, gruta de satã. Nessa época, a gente era convidado pra levar as moças para os bailes, os blocos que levavam, daí a gente ia passando na rua e as moças já estavam esperando pra ir ao baile. Chegando lá o som era por conta de uma orquestra e nós brincávamos até de madrugada.

Os bailes eram locais de lazer, de homens e mulheres que poderiam brincar o carnaval em um local fechado. Mas o que vai caracterizar o carnaval ludovicense nesse período é a sua diversidade, pois com o passar dos anos, os foliões foram ganhando as ruas e esta se tornou o principal palco das atrações momescas do período carnavalesco. Por isso, é que o historiador Martins (2000) afirma que o nosso carnaval é o carnaval da diversidade, o carnaval da tradição. Desse modo, o período de 1950 a 1980 é atravessado pelas brincadeiras que vão ganhando as ruas e demonstrando a diversificação do folguedo de São Luís. Esse carnaval se faz presente nas lembranças desses bambas, pois, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1994, 476

É na memorização que percebemos que a diversificação rendeu o discurso de que em São Luís era brincado o terceiro melhor carnaval do Brasil, perdendo apenas pra Recife e Rio de Janeiro. No entanto, seja o primeiro, segundo ou terceiro melhor carnaval – o que não deixa de ser uma escolha afetiva – o que vai elaborar a caracterização do carnaval na terra de Gonçalves Dias é a sua diversificação. Quando é perguntado isso aos bambas que faziam parte da festa, a resposta do senhor Wladimir é categórica:

O que tu ainda pergunta? Meu filho, na minha época a gente brincava o carnaval. Nós saíamos da sede, subíamos a Rua do Passeio, Rua do Norte, São Pantaleão, íamos até o Caminho Grande, o que hoje vai dar pro Monte Castelo

³ Antonio Félix Moreira, carpinteiro, nasceu em 17 de julho de 1931. Atualmente é vice-presidente e ritmista do bloco os Fuzileiros da Fuzarca. Entrevista realizada em: 04 de janeiro de 2008

e João Paulo, tocando. Não é que nem hoje que vocês saem, sem tocar, ficam esperando a hora de vocês, tocam e vão embora.

Claro que o senhor Wladimir está contando sua história a partir da sua sensibilidade, da sua saudade, dos tempos em que o mesmo compunha sambas e marchas para os Fuzileiros da Fuzarca, período em que as visitas às sedes das turmas de samba era uma constante, em que a violência não fazia parte do folguedo, em que as pessoas poderiam transitar sem a preocupação em ser interrompido por alguém indesejado, nas ruas, praças e becos que caracterizam a nossa cidade. Assim, além da diversidade, outra característica que difere a forma de brincar o carnaval é descrita por um dos maiores poetas de São Luís, Ferreira Gullar (1958, p. 5), ao falar sobre o carnaval que presenciou:

O curso passava pela Rua Rio Branco, ia até a Praça Gonçalves Dias, voltava e descia a Rua do Sol. Meio dia do sábado de carnaval, os meninos começavam a carregar as cadeiras de suas casas para a avenida. Às vezes, à essa hora, os melhores lugares estavam tomados: e quem chegava cedo punha suas quatro ou cinco cadeiras amarradas à corda uma às outras para evitar que alguém roubasse. [...] Às duas horas, o sol ainda estalando, apareciam os primeiros mascarados, “as mortes”, sinistras de esqueleto à mostra, os fôfões, com suas mascaras pavorosas de que eu corria as léguas. Custei a me libertar desse terror. Quando o sol declinava, vinham os carros alegóricos, cisnes gigantescos, pagodes ou carros enfeitados com serpentinhas e confetes.

A partir do depoimento desse grande poeta, enfatizamos que o que diferenciava o carnaval daqueles tempos era que o seu consumo começava desde as primeiras horas da manhã, as atrações eram muitas, por isso a sua característica maior era a diversidade. Por conta dessa própria diversidade é que, mesmo nos jornais, quando estes se referiam às brincadeiras e aos folguedos ainda não tinham os seus conceitos delimitados.

Portanto, essa delimitação só foi percebida quando, a partir dessa diversidade do carnaval ludovicense, os seus cordões começaram a sofrer modificações. Tais modificações que foram sentidas desde o período denominado de sambistas, quando se inicia na nossa cidade as turmas de batucadas e se “consolida com a canalização dos esforços carnavalescos para os desfiles oficiais das escolas de samba” (MARTINS, 2000, p. 113).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do carnaval de São Luís, memorizada de maneira expressiva, foi revelada na subjetividade de alguns expoentes que presenciaram o folguedo durante o período de 1950 e 1980. Assim, a reconstituição nas suas mentes do lugar e do tempo foi atravessada pela sensibilidade de um período que sempre se revela quando essas memórias são prospectadas.

A reconstituição da memória social revela-se como um elemento de extrema significação para a construção da história e da identidade cultural de diversos grupos sociais. Desse modo, a própria elaboração de histórias a partir da memória coletiva, sem dúvida, torna-se um instrumento de escuta e de fala, de atores sociais que há muito vêm beirando a exclusão, exclusão essa que passa a ser expurgada no momento em que ao dar vozes a esses indivíduos contribuimos para transformá-los em sujeitos produtores dessa memória.

Portanto, representando o real, a história utiliza a memória para, a partir dos acontecimentos e dos fatos, transformar o acontecido em elementos fundantes da historicidade. Mas:

enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador (MONTENEGRO, 2003, p. 20)

A narrativa da história, com suas mediações de elementos importantes para a sua feitura, como um lugar temporal, espacial e social, além das suas regras, conceitos e métodos nos permite contar o acontecimento ou ao menos procurar a verdade dos fatos. Desse modo, o historiador sempre está manipulando memória e, no processo de gestação da história, as memórias individuais ou coletivas têm se transformado em uma fonte de extrema importância para alcançarmos êxito nessa empreitada.

Portanto, quando esses bambas maranhenses contaram suas histórias sobre o carnaval de São Luís, histórias que pareciam estar presas nos porões das memórias desses indivíduos, que ao som dos tambores, surdos e marcações, fizeram ecoar os cantos e os encantos da festa carnavalesca nos ajudando a transformar suas memórias coletivas em memórias históricas, pois a memória histórica “reinventa o passado, reconstrói-o a partir de dados fornecidos pelo presente e que são projetados neste novo tempo que é o passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 204).

A história do carnaval de São Luís foi contada com o auxílio dos partícipes da festa carnavalesca que, com suas saudosas lembranças, nos proporcionaram a possibilidade de ressignificar o passado, permitindo assim que essas lembranças possam tornar-se perpétuas, pois como afirmou Le Goff (1994) a memória, como a história, constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar Memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007.
- BARROS, José de Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BARTHES, Roland. Semiótica e urbanismo. In: **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BASTOS, Celso. O Trânsito em São Luís. **Jornal do Povo**, São Luís, 27 jul. 1951, p. 5. Geral.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano -1: Arte de fazer**, Petrópolis: Vozes, 2002.
- CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: O presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 1993.
- DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DIAS, Gonçalves. *Canção do Exílio*. In: **Primeiros Cantos** (1846). Disponível em: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/goncalves-dias-cancao-do-exilio/>
Acesso em 10/01/2016.
- DIAS, Maria Odila Leite. Hermenêutica do Cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto. História. Trabalhos da memória**. São Paulo, n.17, nov., 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- GULLAR, Ferreira. Carnaval. **Jornal Pequeno**. São Luís, 18 de fevereiro de 1958, p. 9.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.
- LIMA, Carlos de. Os antigos Carnavais. In: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore Cultura Popular Domingos Vieira Filho**, São Luís, MA, nº 4, fevereiro de 1996.
- MARTINS, Ananias. **Carnaval de São Luís: diversidade e tradição**. São Luís: SNALUIZ, 2000.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RICOEUR Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SOARES, Luís Carlos. A Vida em São Luís. **O Imparcial**. São Luís, 04 fev, 1953, p. 7. Opinião.
- TRIBUZZI, Bandeira. **A Formação Econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento**. São Luís: FIPES, 1981.